

CORPOREIDADE E NEGRITUDE NO ENSINO DE FILOSOFIA – UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA.

Débora Martins Souza¹

RESUMO

Grande parte da tradição filosófica ocidental foi traçada a partir da dicotomia mente-corpo. Dicotomia esta que desvelou tantas outras relativas ao Ser, à realidade, à epistemologia, a saber, interioridade-exterioridade, essência-fato, imanência-transcendência. Vários teóricos pensaram a questão da dicotomia e uma abordagem muito presente entre os que criticam a mesma é a da corporeidade. O objetivo deste artigo é o de apresentar a questão da corporeidade e da negritude como presentes problemas filosóficos. Através de uma revisão bibliográfica de teóricos que pensaram o corpo em uma perspectiva ontológica, este artigo irá apresentar a necessidade de pensar o corpo na busca de dissolver as contrariedades decorrentes da dicotomia mente-corpo, principalmente no que tange à intersubjetividade, visando a possibilidade de uma reflexão filosófica que não suprima a presença do outrem.

Na medida em que o corpo é compreendido como lugar de significação, latência de significado no mundo e em relação com os outros, é necessário que a reflexão filosófica volte-se à ele para compreender a instituição da cultura e da história. Neste sentido, apresentarei algumas abordagens possíveis no ensino de Filosofia a partir da corporeidade pensada através de questões do gênero e da negritude, de como estes movimentos são potencializadores para o pensar filosófico em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade; Gênero; Negritude; Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

Much of the Western philosophical tradition was drawn from the mind-body dichotomy. Dichotomy has revealed so many others concerning Being, reality, epistemology, namely, interiority-exteriority, essence-fact, immanence-transcendence. Several theorists have considered the dichotomy issue and a very present approach among those who criticize it is that of corporeality. The purpose of this article is to present the issue of the corporeity of blackness as a present philosophical problem. Through a bibliographical review of theorists who thought the body in an ontological perspective, this article will present the need to think the body in the search to dissolve the disagreements arising from the mind-body dichotomy, especially with regard to intersubjectivity, aiming at the possibility of A philosophical reflection that does not suppress the presence of others. Insofar as the body is understood as a place of signification, a latency of meaning in the world and in relation to others, it is necessary for philosophical reflection to turn to it to understand the institution of culture and history. In this sense, I will present some possible approaches in the teaching of Philosophy from the corporeity thought through questions of the genre and the blackness, of how these movements are potentializers for the philosophical thinking in the classroom.

KEYWORDS: Corporeity; Gender; Negritude; Teaching of Philosophy.

¹ Consultar a autora...

1 Introdução

A singularidade nos perfaz, mas também a coletividade. Estes dois polos existentes nos indivíduos geram cada vez mais questões que nos fazem colocar em pauta o educar. O que nos singulariza é também aquilo que nos conecta aos outros, assim se constroem o que denominamos relações humanas. De acordo com a lei de diretrizes e bases (9394/96) a escola caracteriza-se como um espaço de preparação para o trabalho e cidadania. Constituindo assim, um espaço de relações, que não pode ser reduzida à transmissão de conteúdos, em seu molde positivista, que, ainda persiste e compreende os indivíduos como corpos providos de certas faculdades, sendo o preenchimento destas o objeto de sua ocupação. Neste sentido, é dever da escola pensar as relações humanas que estão sendo formadas através da instituição e quais os caminhos, atitudes e posicionamentos deve traçar no seu âmbito para desvelar nos indivíduos a consciência de princípios como os de democracia, justiça e alteridade.

A escola deve começar por compreender as diferenças entre os sujeitos. A teoria política do filósofo da antiguidade clássica Platão, exposta na obra *A República* (1965) apontava para o que difere os indivíduos, em sentido intelectual, físico e de classes. Ao desenvolver um pensamento a respeito da formação da polis e do governo ideal, o filósofo indicava as dificuldades de um governo democrático por sua busca em conceber todos como iguais, por isso a República idealizada pelo filósofo seria a melhor forma de organizar a polis. A noção de democracia atual pode ser considerada alargada, na medida em que se encaminha cada vez mais para a superação das desigualdades, porém, apresenta-se ainda repleta de dificuldades. A representatividade, a justiça, o poder, são problemas da democracia. Mesmo não tendo sido seguida, um dos princípios da teoria política do filósofo ainda nos atravessa, a saber, a existência de pré-condicionantes na realidade dos indivíduos, que vão além das capacidades intelectuais, visto que se caracterizam pelos aspectos também sociais a que os indivíduos são condicionados desde o nascimento, como por exemplo, a raça, o gênero, a classe social. Não vivemos na República ideal de Platão, entretanto, as condições se não são determinantes, ao menos influenciam fortemente, quase como um fado a vida dos brasileiros na formação democrática do Estado.

O século XX foi marcado por movimentos de enfrentamento e questionamento das desigualdades. Exemplo disto, é o movimento feminista, que continua a desempenhar um papel de busca por maior igualdade. O direito ao voto, ao trabalho e aos estudos são alguns exemplos de direitos conquistados, que, entretanto, não garantiram ainda a igualdade de condições.

Dentro deste cenário, a questão da corporeidade ganha um lugar central nas problemáticas que se desvelam na busca pelo efetivo exercício da democracia, da justiça e da igualdade. Percebe-se a amplitude alcançada no debate e na busca por direitos por movimentos como este: a questão do gênero, da sexualidade, dos métodos contraceptivos, entre outros.

Estas questões atravessam os movimentos, mas, quando se trata da corporeidade na perspectiva da raça, a problemática ganha raízes ainda mais profundas. A mulher sofre discriminação por ser mulher, mas a mulher negra sofre esta e ainda outra: a da imagem dela como mulher ao lado da imagem de uma mulher não negra. Pensamento que perpassa o imaginário brasileiro. Um exemplo emblemático nos é dado pelo ditado a que Gilberto Freyre se referiu em *Casa Grande e Senzala* (2005, P.72): “branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar”.

Um dos aspectos que influenciam para a construção das desigualdades é o modo como através das imagens, das ideias e da representação, a mulher negra é vista na cultura brasileira. Pensaremos esta questão a partir da necessidade de compreender a questão conceitual da corporeidade nesta problemática, a partir da perspectiva de alguns pensadores da Filosofia contemporânea, que percebem o corpo como sujeito reflexivo.

2 Corporeidade: para além das dicotomias

Grosz, em *Corpos reconfigurados* (2000) expõe alguns aspectos do pensamento a respeito do corpo ao longo da história da Filosofia, cujo principal é a dicotomia mente-corpo, uma constante na tradição filosófica, e a relaciona com a concepção de homem e mulher na sociedade. Segundo ela, Platão, Aristóteles e o cristianismo, nas particularidades de suas formas de conceber a realidade, a verdade, o conhecimento, coincidem com uma ideia de corpo subalterna à razão. O corpo, inferior nesta relação, era atribuído à representação da mulher. Neste sentido, o lugar da fala, do discurso, do diálogo, do pensamento, do inteligível era desde o início da história da Filosofia ocupado por homens, como nos aponta Platão, em *O Banquete* (2008) quando afirma haver um lugar reservado às mulheres, dentro da casa, enquanto os homens debatiam ideias.

Negar o espaço, negar a fala é, negar o corpo, a sentido de presença. Isto foi algo que a Filosofia, talvez pelo predomínio masculino, desconsiderou e que se agravou com o pensamento cartesiano. Segundo Grosz (2000, p. 57) o que Descartes introduziu foi uma diferenciação entre mente e natureza, colocando o corpo ao lado da natureza, objeto de

conhecimento e substancia distinta da mente, passível de ser apreendida através da mesma: “o corpo é compreendido ou em termos de seu funcionamento orgânico e instrumental nas ciências naturais ou é postulado como uma mera extensão, meramente física, um objeto como qualquer outro nas ciências humanas e sociais”.

Esta dicotomia também foi amplamente debatida pela Fenomenologia, que teve Husserl (2012) como seu precursor. Ao resgatar o pensamento de Husserl, e a sua busca por dissolver aquilo que foi separado pela tradição, o filósofo Merleau-Ponty (2000, 2006) traça os caminhos e os principais conceitos da fenomenologia, como *epoché*, *mundo da vida*, e direciona o pensamento filosófico a uma *ontologia do sensível*, que tem o corpo como sujeito primordial da percepção.

Os vários teóricos que buscam a dissolução das dicotomias que não se encerram em mente-corpo, desvelando ambiguidades como fato-essencia, interior-exterior, aparente-real dirigem a crítica principalmente à questão do intersubjetivo. A tradição filosófica suprimiu o corpo, mas também a *intersubjetividade*. A maior crítica dos teóricos que pensam o lugar do corpo na reflexão é a respeito de como fechada em si, a consciência torna-se uma ilha, um mundo privado:

no limite, tudo de que a consciência pode ter certeza é de sua existência auto-confirmada. A existência de outras mentes deve ser inferida a partir da existência aparente de outros corpos e neste sentido, não há certeza da existência do outro, apenas de si mesmo (GROSZ, 2000, P. 55)

A exclusão da mulher e a sua representação como corpo é uma marca do pensamento hegemônico ocidental, cartesiano, que separa mente e corpo e desde os gregos já considerava a superioridade do homem ou como o dotado da racionalidade, ou como o único possível portavoz da mesma. Além disto, destituiu o corpo de significado, o caracterizando ora como determinado pela consciência, e portanto de natureza diversa da mesma, ora por receptor de estímulos exteriores, objetificando-o, como o caracteriza as teorias do realismo.

Segundo Merleau-Ponty (2000), o corpo nos ensina o entrelaçamento que existe entre nós e as coisas. Há no sensível um âmbito do Ser que não remete à reflexão filosófica idealista, nem à explicação científica; é o âmbito em que o corpo é sujeito e objeto, visível e vidente, sensível e sentiente, sendo a camada pré-objetiva da nossa vida, da história e da cultura:

Dizemos, assim, que nosso corpo, como uma folha de papel, é um ser de duas faces, de um lado, coisa entre as coisas e, de outro, aquilo que as vê e toca; dizemos, porque é evidente, que nele reúne essas duas propriedades, e sua

dupla pertença à ordem do "objeto" e à ordem do "sujeito" nos revela entre as duas ordens relações muito inesperadas. Se o corpo possui essa dupla referência, isso não pode advir de um acaso incompreensível. Ele nos ensina que uma referência chama a outra. (MERLEAU-PONTY, 2000, P. 133)

O âmbito do sensível é pois, o âmbito em que não há superposição, mesmo entre aquilo que é tangível e visível. Assim, a reflexão acerca do corpo deve ser uma reflexão que esteja entre as coisas, não fora delas, no sensível, não de “fora” do corpo, como a ilha privada da consciência citada acima.

Tanto Merleau-ponty (2000, 2006), Groz (2000), quanto as referências de outros teóricos que abordam a questão do corpo, da perspectiva de atribuição de significação ao mesmo, como Michel Foucault (1979, 2004), Deleuze e Guatarri (1972, 1995), Beauvoir (1980) e Fanon (1993), podem servir como base para pensar a corporeidade e o lugar e significado assumidos pelos corpos que são suprimidos na sociedade como um todo, possibilitando o pensar a respeito de movimentos sociais, como o feminismo. A necessidade de se pensar a questão da corporeidade perpassa à necessidade de se pensar um sentido ontológico e o lugar do corpo no mesmo. Grosz (2000) aponta que o feminismo por vezes acaba por compartilhar da visão fragmentada do Ser, recaindo aos problemas ontológicos que se assumiu durante toda a tradição, principalmente no que tange à identidade e ao problema do outro:

O pensamento dicotômico necessariamente hierarquiza e classifica os dois termos polarizados de modo que um deles se torna o termo privilegiado e o outro sua contrapartida suprimida, subordinada, negativa termo subordinado é meramente negação ou recusa, ausência ou privação do termo primário, sua queda em desgraça; o termo primário define-se expulsando seu outro e neste processo estabelece suas próprias fronteiras e limites para criar uma identidade para si mesmo. Assim, o corpo é o que não é a mente, aquilo que é distinto do termo privilegiado e é outro. É o que a mente deve expulsar para manter sua “integridade”. (GROSZ, 2000, P. 47)

Em sua tese de doutorado Lemos Pacheco (2008) a autora elabora uma pesquisa em que o centro de seu pensamento é a solidão das mulheres negras. Nela, desvela questões como o racismo e o gênero a partir de uma compreensão afetiva, em um recorte da corporeidade. Ela elabora uma compreensão de inerência do corpo na cultura e como ele revela significados sobre o ser mulher negro na sociedade em uma perspectiva de que “o corpo em sua afetividade expressa a cultura e como a cultura é internalizada e modificada pelos indivíduos (agentes) que as constituem”.

Na perspectiva da autora, afetividade compreende um campo de relações afetivo-sexuais e sociais-afetivas; e a partir do relato de diferentes mulheres negras, a autora traz à tona

significados corporais, simbólicos, linguísticos, que perfazem as experiências das mulheres, utilizando a forma de análise de trajetória. A análise de um dos relatos, por exemplo, o de Clementina, negra e empregada doméstica, é feita a partir de como ela vive e representa experiências, não se tratando de aspectos puramente psicológicos, mas de modos de ser instituídos em sociedade através da vivência corporal:

No relato de Clementina a noção de corpo emerge como uma categoria importante. É como se o corpo materializasse vários dispositivos que operam como distintivos sociais, criando fronteiras espaciais e simbólicas. Essas fronteiras representadas e vivenciadas ditariam formas de relacionamento sociais materializados nos percursos sociais de Clementina: reclusão, timidez, preconceitos, rejeição, exploração do trabalho no ambiente doméstico, dificuldade de criar redes de relações na escola. (PACHECO, 2008, P. 95)

Conservações, memória, afeto, temporalidades e espacialidades, o corpo vive tudo isso e a cada momento desvela-se no mundo e a sua relação com o mesmo é anterior à consciência de si. Mundo e corpo, mundo e linguagem, fazem parte de uma mesma carne, segundo Merleau-Ponty (2003). O corpo é vivido no e pelo mundo, bem como, é horizonte de experiências que não é determinado, mas tem com o mundo uma relação própria e inesgotável.

Outra perspectiva de corporeidade negra pode ser compreendida a partir de Franz Fanon (1983). Fanon percebe a negação do corpo do negro em uma sociedade que o instituiu como corpo servilizado, em livro de Fanon ele afirma assim como Merleau-Ponty, a existência de um esquematismo corporal inerente ao mundo, mas afirma ainda a existência de um esquematismo histórico-racial, que significa a atuação da diferenciação racial sofrida pelo negro. Ao levantar os preconceitos sofridos pela pele, faz alusão à um esquema epidérmico racial que teria sido desenvolvido sobre seu esquematismo corporal, fazendo nascer uma nova categoria sobre seu corpo que antes desconhecia, bem como, um mundo diverso do seu e diverso daquele pelo qual seu corpo comunica-se com as coisas, um mundo cultural que o inferioriza a partir do olhar do outro e que vai além do conhecimento implícito desenvolvido pelo contato de seu corpo com o mundo. A crítica feita por Fanon (1983) é de que o ser negro é determinado do exterior, ele se descobre preto, aparece preto, porque aparece ao olhar do branco, sendo assim, não é um outro, porque é constituído pelo branco.

Considerações finais:

O que podemos observar é que a questão da corporeidade abre um leque de problemáticas nas ciências humanas. Na Filosofia, no debate acerca do Ser são diversos autores

que nos encaminham para pensar o lugar e a concepção de corpo, apontando até mesmo para que a reflexão filosófica seja uma reflexão que integre as percepções e o desvelamento do corpo no pensar. Além disso, defendem que apenas através dessa forma de pensar, a reflexão filosófica pode ser uma reflexão não solipsista, que destitui ou até mesmo não abarca a questão do outrem.

Se ao corpo foi designado o papel da mulher e este foi por tanto tempo destituído do sentido da história ocidental e de suas produções, a reflexão a respeito do corpo é também um debate de gênero, o que leva, o feminismo à desenvolver pensamentos fundamentados na corporeidade².

Vê-se assim, a necessidade de realizar o debate filosófico de um viés da corporeidade, para assim desvelar o logos cultural que decorre deste âmbito. Daí que gênero e raça não são objetos, dados como os fatos científicos ou frutos de uma reflexão e distintos da consciência. A corporeidade perpassa essas discussões porque nas perspectivas apresentadas neste artigo, o corpo é onde se originam as significações que relacionam-se com o mundo da cultura. Deste modo, uma perspectiva atual é de o pensamento filosófico pensar o corpo e como ele se desvela em cultura. Daí a importância de realizar um debate em sala de aula que aborde estas questões amparadas na atividade filosófica, nos sentidos a que a corporeidade é remetida ao longo da tradição, e como esses sentidos são retomados e principalmente reativados na contemporaneidade.

Contudo, no que tange à negritude, não se trata apenas de ser uma mulher negra, por exemplo, mas trata-se de corporeidade em um tempo/espço, de corporeidade em um mundo, de corporeidade e sua relação com outrem e como o ser negra se constitui no âmbito cultural a partir da inerência corporal no mundo. Pensar a corporeidade é desvelar um lugar de linguagem, assim como afirmou Merleau-Ponty (2003): “o Ser é o que exige de nós criação para que dele tenhamos experiência”, é necessário que o que está no âmbito do sensível seja por nós pensado, que seja trazida à visibilidade este Ser onde se situa a lógica que ampara a dominação de um gênero sobre outro na história, bem como a de uma raça sobre outra que origina o mundo histórico e cultural. Por isso se faz necessário que a reflexão se pautem em uma concepção do que é esse sensível e essa corporeidade, que a reflexão se direcione ao Ser no sentido de que procura o que lhe aparece no momento atual como uma lacuna, que precisa ser expressa. Daí

² Em Grosz (2000) Ver as noções de: *feminismo igualitário, construcionismo social e diferença sexual*. A autora enfatiza que não há diversas correntes de corporeidade, que mesmo discordando entre si conceitualmente, convergem para a necessidade de pensar o corpo como o amago das produções intelectuais e práticas, pois na medida em que problematiza-se as concepções vigentes e patriarcais, se efetiva um pensamento autônomo, principalmente em que a própria mulher constitui o centro da fala.

que, a corporeidade aparece como central nas investigações filosófica e neste sentido, que seja presente no ensino de Filosofia, não obstante, questões como a negritude podem elucidar elementos para estas investigações, na medida em que a negritude é vivenciada corporalmente de maneira distinta da branquitude.

REFERÊNCIAS:

- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- DELEUZE, G. & GUATARRI, F. (1972). O Anti- Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Assírio & Alvim: Lisboa, Portugal.
- _____, Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995
- FANON, Franz. Pele Negra, Máscaras Brancas, tradução de Maria Adriana da Silva Caldas, Ed. Fator, Rio de Janeiro, 1983.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- _____, Michel. Microfísica do poder, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979
- FREYRE, Gilberto. CASA-GRANDE & SENZALA: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50.ed. São Paulo: Global, 2005.
- GROZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados, *Cadernos Pagu* (14) 2000,;pp.45-86.
- MERLEU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção, trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____, (1964). O visível e o invisível. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2003
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. / Ana Cláudia Lemos Pacheco. – Campinas, SP : [s. n.], 2008.